

## CAPISTRANO E A MORTE DE JOSÉ DE ALENCAR

---

PEDRO GOMES DE MATOS

Na afirmativa de Rodrigo Otávio Filho (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 221, 1953, pág. 55) e também na do cronista Leôncio Correia, — foi um artigo de Capistrano sobre a morte de José de Alencar, ocorrida a 12 de dezembro de 1887, portanto, há 90 anos, que o tornou conhecido (a ele Capistrano, naturalmente) da elite intelectual do Rio de Janeiro.

O aludido artigo foi publicado na *Gazeta de Notícias* do dia 13, periódico dos mais conceituados, e no qual saiu sem assinatura, embora do seu diretor, Ferreira de Araújo, não fosse ignorada a autoria.

A essa época, Machado de Assis fazia parte do corpo de redatores da *Gazeta* e ao famoso criador de *Brás Cubas* é que foi dada a incumbência de fazer o necrológio do insigne morto.

Registra-se: “Quando Machado de Assis trouxe o artigo pedido, Ferreira de Araújo pediu-lhe que lesse um outro sobre igual tema que lhe trouxera um sujeito assanhado e mal-vestido, que se apresentou como cearense e admirador de José de Alencar, Machado depois de ler o artigo disse apenas: admirável! E, calmamente, passou a rasgar o que lhe fora encomendado.

Bela página de crítica literária, a notícia, por sinal pouco conhecida, é a que abaixo se segue:

“Finou-se ontem, depois de prolongado sofrimento, o primeiro e principal homem de letras brasileiro. Essencialmente nacional é a ele a quem as letras pátrias devem as suas melhores obras, de originalíssimo sabor, saudadas e aplaudidas por todas as literaturas. Apenas com 48 anos de idade, que tantos completara no dia 1.º de março do corrente ano, baixou à sepultura, deixando vazio o seu lugar. Apagou-se da constelação dos grandes homens uma faiscante estrela e ainda, no horizonte, não desponta brilho que a substitua.

Parecia que ele sabia que a morte o roubaria cedo à admiração de dois povos, por isso aproveitou o mais que pôde o seu tempo em produzir muito para deixar de si a memória que nos pósteros há de afirmar que foi José de Alencar o fundador da literatura brasileira.

Essa pressa de produzir, essa sede insaciável de viver do povo, inspirando-se nas tradições, estudando-lhes os usos, costumes, tendências, prejuízos e abusões, e para o povo a quem se dedicou produzindo obras imortais, agravou-lhe a enfermidade, e os tubérculos desenvolvendo-se e enfraquecendo aquela enérgica organização, roubaram-lhe a vida, ontem, às 10 horas da manhã. A nova espalhou-se logo na cidade. Poucos acreditavam. O povo em geral acredita que os grandes homens são eternos, que a morte os ameaça apenas sem lhes tocar, apesar de a fatalidade implacável ter-se encarregado, no correr deste ano, de provar que ocasiões há em que é de preferência aos colossos que ela se dirige.

No Pantheon que a história tem que erguer aos grandes homens caídos em 1877, há de figurar, entre auréolas de luz, o nome de José de Alencar. O filho do Ceará, dessa Província para quem não bastaram as provações da fome, da peste e da miséria, para ser cruciada com a perda desse filho, irá ter um lugar de honra no plano onde estão colocados, pela memória e justiça dos povos, os Thiers, Laverriers e Herculanos.

Mas parece que, de preferência, a morte tem feito brotar e desenvolver em si as árvores melancólicas e tristes do cemitério em terras do Brasil. Ainda estavam orvalhadas as coroas pousadas nas campas de Pinheiro Guimarães, o herói; de Pompeu, um sábio, e já temos de ir entrelaçar outras para as depositar no ataúde de José de Alencar — uma literatura.

Produzindo sempre, sempre revelando nas incorreções da forma essa febre de se antecipar a si próprio e de criar para si a immortalidade no curto prazo de vinte anos, deixou obras que os vindouros hão de ler para o ensinamento e que a história há de colocar como marco de uma época literária.

Escritor dominado pelo espírito, sorvendo da Natureza a inspiração a largos tragos, conseguindo insculpir em bronze obras como *o Guarani*, *Gaúcho*, *Ubirajara* e *Guerra dos Mascates*, não era só o romance histórico, o saído das lendas e das crônicas, que o fascinava. Pelos espraiados domínios da imaginação, deixava esvoaçar a fantasia, e quando ela baixava à terra, trazia nas asas doiradas — *o Sonho d'Oiro*, *Tronco do Ipê*, *Til*; enfeitando com todas as graças do coração e sutilezas do sentimento — *Senhora* e *Luciola*. Como ele investiga e conhece os mil segredos do coração da mulher, não esses segredos convencionais, mas os compreendidos em plena

liberdade da natureza! *Diva* é um frisante exemplo. Outras flores de menor perfume, mas não de inferior tinta, são *O Garatuja*, *O Ermitão da Glória*, *Alma de Lázaro* e *Encarnação*. Perdido por entre essas tortuosas veredas da política, que o envolvia, ora animando-o, cantando-lhe louvores, e tecendo-lhe coroas, ora cingindo nos seus guantes ásperos e cruéis para o esmagar, conseguiu que o povo, sagrando seu escolhido, o nomeasse deputado em 1868, época em que o Visconde de Itaboraí, inaugurando a situação de 16 de julho, colocou a Pasta da Justiça na mão de Alencar. Os seus profundos conhecimentos, a sua honradez e a isenção de caráter, de que deu imensas provas como consultor do Ministério da Justiça, foram os merecimentos que o levaram à cadeira do Conselho, que com toda a honestidade abandonou, quando pretendeu uma cadeira do Senado. Cadeira que o povo lhe concedeu, mas que as circunstâncias políticas não confirmaram. Sempre na brecha, sempre produzindo, não houve manifestação nenhuma da atividade literária em que ele não exercitasse, deixando na sua passagem sulcos memoráveis.

No campo da crítica, deixa as cartas sobre a *Confederação dos Tamoiós*, os folhetins *Ao Correr da Pena*, e ainda ultimamente soube fazer vibrar fundos golpes, defendendo-se de agressões que lhe deviam ter sido poupadas.

Correta e fluente, enérgica e irônica lhe saía a palavra no Parlamento, quer atacando com mordacidade e coragem, quer defendendo-se com valentia e ciência.

Polemista, o *Jornal do Comércio*, *Correio Mercantil* e *Dezesseis de Julho* aí estão para atestar essas qualidades todas reunidas, ampliadas e desenvolvidas, no *Protesto*. O Teatro brasileiro lhe deve algumas de suas mais famosas páginas, e se um mal entendido pudor policial fez retirar de cena *Asas de um Anjo*, o franco e entusiástico acolhimento que tiveram *O Demônio Familiar*, *Verso* e *Reverso* e esse sublime canto que simplesmente chama-se *Mãe* deviam ter sido bastante para o consolar daquela arbitrariedade, e da frieza com que foi recebido *O Jesuíta*.

Hoje, Alencar repousa à sombra das palmas virentes dos seus louros, pranteados pela esposa e filhos, e por todo um povo.

Quando desgraças como esta sopram por sobre um povo, há como uma espécie de desequilíbrio, como uma força oculta e misteriosa que faz curvar respeitosa e comovida toda uma geração”.